

Premissas falsas = más políticas públicas

Faulty Premises = Poor Public Policy on Climate:rebuttal

report to the IPCC SR15: Friends of science society

<https://blog.friendsofscience.org/>

Resumo

A ciência climática é uma mistura complexa de sistemas caóticos e dinâmicos. O recente relatório de síntese 15 (SR15) do Painel Intergovernamental sobre alterações climáticas (IPCC), tenta prever as implicações de 1,5 ° Celsius de aumento das temperaturas médias da superfície global (GSMT) acima da temperatura da era pré-industrial. O foco do relatório é sobre a influência das emissões industriais humanas de dióxido de carbono como o condutor assumido de mudanças climáticas e aquecimento recente.

Apesar do número de cientistas envolvidos, a ciência pode-se desviar devido a uma focalização especial, mesmo vista através da "mesma lente".

A Sociedade "Friends of Science" critica o relatório do IPCC SR15, apontando o seguinte:

1. Estamos no Meghalayan, não no Antropogénico. O relatório do IPCC SR15 afirma ver as mudanças climáticas através da "lente do Antropogénico". Este termo é popularmente usado para descrever um período geológico moderno em que se supõe que os humanos têm um impacto maior no mundo do que a natureza. Em 13 de julho de 2018, a União Internacional de Ciências Geológicas (IUGS) divulgou uma declaração segundo a qual a Terra está agora no Meghalayan, um período que começou há 4.200 anos.
2. Em resposta a perguntas sobre por que o termo "Antropogénico" não havia sido incluído, pelo menos nos últimos 50 anos de presumível influência humana, a IUGS respondeu que o termo "Antropogénico" não foi sequer submetido à consideração e que o termo tem única relevância sociológica, não científica. O IPCC não deve usar essa "lente".
2. Todos os modelos climáticos (por simulação) utilizados pelo IPCC dão temperaturas demasiado altas em relação às observações. As simulações por computador projetam o aquecimento futuro (sendo, portanto, a justificativa para as políticas climáticas do aquecimento global), que mostram temperaturas significativamente mais altas do que as que estão sendo observadas. Apenas o modelo climático russo e os dados de satélite / balão meteorológico correspondem às temperaturas presentes na baixa troposfera. Isso sugere que a maioria dos modelos climáticos atribui um efeito muito grande de aquecimento (sensibilidade climática) ao dióxido de carbono. Isso significa que os modelos climáticos não devem ser usados para definir políticas públicas.
3. Os dados globais de temperatura são uma média de dados médios e ajustados de muitas fontes, sugerindo que uma diferença de 0,5 ° C na temperatura é discutível e um valor arbitrário. Não faz referência a uma

medição real da temperatura da terra; as pessoas estão sendo enganadas.

4. O IPCC alega, nos seus princípios fundadores, ser politicamente neutro. No entanto, o IPCC SR15 faz muitas recomendações em relação aos Sistemas de Remoção de Dióxido de Carbono (CDRS), a maioria dos quais não foi testado e foi proposto sem nenhuma análise de custo-benefício. Tais recomendações são contrárias ao objetivo do IPCC e não deveriam ser tomadas em conta pelos líderes políticos. O IPCC deveria simplesmente relatar descobertas científicas.

5. A descarbonização rápida proposta pelo IPCC é impossível e irrealista. O mundo utiliza mais de 80% de combustíveis fósseis para energia; todas as outras formas de geração de energia, incluindo a hidrelétrica, nuclear, eólica e solar, são completamente dependentes de combustíveis fósseis para sua criação. Milhões de pessoas morreriam se a descarbonização rápida fosse implementada. Não há alternativa adequada e equitativa à energia fóssil para a sociedade moderna. Qualquer corpo oficial e internacional de cientistas que recomende uma ação que conduza a mortes em massa deve ser dissolvido.

6. Não há provas claras de que as mudanças ou o aquecimento desde meados do século XIX sejam causadas pelo uso humano de combustíveis fósseis - embora, de fato, tenha havido algum aquecimento e mudanças perceptíveis em algumas características naturais. De facto, a variação da mudança climática observada desde 1850 é explicável pela variação natural. Da mesma forma, os registros de temperatura global são incompletos, inconsistentes, os métodos / colocação das estações de monitorização mudaram e as temperaturas não são registadas no mesmo período. A validade da Temperatura Média Global da Superfície é imprecisa.

7. As soluções propostas para a energia eólica e solar aumentam o dióxido de carbono e provocam o aquecimento. Em vez de reduzir o uso de combustível fóssil ou ajudar na redução do dióxido de carbono, a energia eólica e solar de facto exigem grandes quantidades de combustíveis fósseis para a sua produção e instalação - resultando num aumento no dióxido de carbono. A energia eólica e a energia solar são ineficazes, caras e fazem com que as redes elétricas se desestabilizem, colocando a sociedade em risco, prejudicando a indústria, os empregos e empobrecendo os consumidores. Os dispositivos são feitos de materiais variados e são em grande parte não recicláveis. O vento e a energia solar são contrários aos objetivos ambientais e de sustentabilidade.

8. Os eventos climáticos extremos são parte integrante do clima. O relatório AR5 do IPCC e seu relatório especial do SREX sobre clima extremo ambos deixam claro que não se pode considerar que os efeitos humanos no clima correspondem nem ao aumento dos eventos climáticos extremos nem a um aumento de dióxido de carbono. O IPCC deve esclarecer isso com a mídia, em vez de permitir que a imprensa se envolva em uma hipérbole aterrorizante.

9. A relação custo-benefício extremamente desproporcional deve dissuadir os políticos e os cidadãos de seguir as recomendações do IPCC SR15 sobre o preço das emissões de carbono. O custo de redução de emissões em 2030

é de cerca de 95 vezes o benefício assumindo a sensibilidade dos modelos climáticos ao CO₂. Ao usar a estimativa de sensibilidade climática de Lewis e Curry (2015) determinada a partir de medições, o custo de redução de emissões em 2030 é de cerca de 210 vezes o benefício. E essa estimativa nem sequer toma em conta as mudanças climáticas naturais. Usando o melhor modelo econômico que inclui os benefícios do aquecimento e da fertilização com CO₂ dos produtos agrícolas, e contabilizando o aquecimento natural a partir de 1850, cada 880\$, correspondente à mitigação de uma tonelada de CO₂, impediria um benefício líquido de 8\$, aumentando a perda para 888\$ por tonelada de mitigação de CO₂.

De facto, a Dra. Judith Curry observa que os esforços de redução de carbono para "estabilizar o clima" podem ser fúteis diante das mudanças climáticas naturais.

10. A ciência não está estabelecida. Anderegg et al (2010) revelaram que 34% dos autores contribuintes do IPCC discordaram da declaração do IPCC sobre a influência humana no clima. Centenas de outros cientistas contestaram as descobertas do IPCC sobre as causas humanas em artigos revistos por pares, livros, blogs e vídeos. Há uma revisão científica inadequada pelo IPCC dos relatórios do Painel Internacional sobre Mudanças Climáticas não governamentais. Há uma revisão limitada das forças naturais do Sol e da dinâmica planetária, e da variabilidade interna natural como sejam as correntes oceânicas, erupções vulcânicas e atividade tectónica e sua correlação com o magnetismo da Terra (e, portanto, a influência solar).

Reduzir o dióxido de carbono da atividade industrial humana é uma resposta fútil às contínuas mudanças climáticas na Terra; a adaptação e investimento em infra-estrutura resilientes é uma melhor utilização dos fundos públicos. A ciência é um processo de conhecimento progressivo e novas visões sobre como as coisas funcionam. O que começa com um acordo bem-intencionado sobre aspectos da compreensão científica, expande-se e muda ao longo do tempo com novos pontos de vista.